

O último dia das crianças

Por: Julianna Palumbo

Longa-metragem / comédia, infantojuvenil

Argumento – Versão 1 – 15/03/2023

LOGLINE

Um garoto de 12 anos que não quer sair da infância deseja que os adultos ajam como crianças. Graças aos seres mágicos da terra encantada de Adultolândia, ele tem seu pedido atendido e precisa lidar com as consequências da imaturidade dos mais velhos

ARGUMENTO

Sobre a mesa de um escritório, o porta-retrato de uma família. O papai Carlos (40), a mamãe Dominique (35), o avô Toninho (70), o pequeno e sorridente Theo (6) e um garoto apático, de braços cruzados e com um sorriso forçado em seu rosto, Miguel (12).

A mesa em questão pertence à Quitéria (45), chefe do Departamento dos Adultos, um lugar imaginário que lembra uma repartição pública com aparatos mágicos e que tem como missão realizar o último desejo de crianças que estão saindo da infância. Sentada à frente de Quitéria está a desajeitada AnaLua (18), recém-treinada pelo Departamento e teoricamente apta a ser uma A.R. = Adulta Responsável.

A chefe explica para AnaLua sobre sua missão com o garoto Miguel e, munida de uma mochila que contém: a foto da família, um manual do adulto, um pijama colorido, um binóculo e uma garrafa térmica com café puro, a jovem entra em uma cápsula que conecta os mundos. Colegas debocham da cara de assustada de AnaLua, que, antes de desaparecer, esconde no bolso da calça um pequeno relógio com a etiqueta: “favor devolver às Fadas Cientistas”, objeto mágico para momentos de apuro.

Em uma casa simples, um carrinho de controle remoto atropela Miguel, que está sentado no chão tentando desembulhar uma caixa. Enquanto a mãe ensina o pequeno Theo a controlar o carrinho que ele acabou de ganhar de dia das crianças, o pai coloca expectativas em Miguel: “o que será que tem nessa caixa?”. Ansioso, Miguel abre o presente e encontra uma estúpida, maravilhosa e super legal... bermuda jeans.

Tentando disfarçar a decepção, Miguel agradece o pai, que o beija na testa e pede que ele chame Vô Toninho para dentro da casa antes que ele resolva sair e se perca de novo.

Da janela, o garoto grita pelo avô. O senhorzinho, observando o céu, se anima ao contar para Miguel quais animais está vendo nas nuvens e teima que só vai entrar quando o dia apagar. Miguel, um pouco sem paciência, explica que já são seis da tarde e o dia está virando noite. O avô insiste que não são as horas que determinam as fases do dia, mas sim quando ele apaga e acende. “Se você parar de olhar para o seu próprio reflexo na janela e olhar para o céu, talvez aprenda a valorizar todas as suas fases.”

Gigi (11), a vizinha e melhor amiga de Miguel, aparece no portão, animada com seus tênis de rodinha que herdou de uma prima mais velha. Miguel vai até os dois, conduz Vô Toninho para dentro de casa e Gigi os segue. O avô não lembra seus nomes reais e os chama pelos nomes de seus amigos de infância: Bituba e Tina.

Meio contrariado, Miguel ajuda a mãe a arrumar a mesa e, sem que ela veja, derruba uma fruteira acidentalmente. Enquanto as frutas rolam, Miguel coloca a culpa em Theo e faz o irmão recolher tudo.

Durante o jantar, o pai, Carlos, serve macarrão a todos, exceto Miguel, que tem o prato preenchido por bife de fígado e brócolis. Indignado, o garoto questiona. O pai explica que macarrão é só para as visitas. “Mas por que então o Theo e o Vô Toninho também estão comendo macarrão?”. Theo e Toninho riem, sujos de molho. A mãe, Dominique, conta a verdade: a pediatra de Miguel preparou uma dieta especial para este momento em que ele está entrando “naquela fase”. Todos na mesa o encaram, mas Miguel parece não entender do que estão falando.

O garoto reclama que não é justo, que aquele era para ser um dia feliz, afinal é o dia das crianças. O pai reforça: “seu ÚLTIMO dia das crianças, você já está bem crescidinho, não era nem pra estar ganhando presente, muito menos reclamando da comida”.

Tentando alegrar o amigo, Gigi sussurra que o macarrão nem está tão gostoso, mas ele não a ouve. Nervoso, levanta da mesa e corre até o freezer. Volta com um pote de sorvete e diz que vai jantar sorvete de flocos. A mãe ordena que ele coma o que o pai serviu, mas ele se recusa e, ao abrir o pote, encontra feijão. A mãe ri. Miguel larga tudo, sai andando e, estressado, tropeça no carrinho do irmão e cai no chão. “Tá vendo o que dá ser malcriado?”, o pai briga. Parece que a humilhação não tem fim.

Dentro do guarda-roupa de Miguel, uma sonolenta AnaLua lê o manual dos adultos e rejeita o gosto amargo do café de sua cafeteira, quando um bater de porta a distrai. Miguel entra no quarto e se esconde embaixo da cama, irritado. Sua mãe entra logo atrás, segurando um prato de macarrão e reclamando que já está na hora de ele parar de agir como criança. AnaLua espia os dois. A mãe insiste para que Miguel volte à cozinha e jante com a família, mas, sem encará-la, ele diz que perdeu a fome e quer ficar sozinho. Chateada, a mãe deixa o prato de macarrão e sai do quarto.

Miguel levanta do chão, dá uma garfada na comida e se deita na cama. Ele nota algo embaixo de seu travesseiro. Um pacote. Seria um presente-desculpa? Esperançoso, ele abre o pacote devagar como quem busca por um tesouro. E ali está: um pijama verde horroroso. Miguel arremessa aquela coisa para longe e cruza os braços, deitado.

Num súbito, a janela do quarto abre e um vento muito forte faz Miguel se encolher entre os lençóis. Ele se levanta e tenta fechar a janela, mas o vento não permite. Então, nota que o pijama horroroso está magicamente dobrado em cima de seu travesseiro. Miguel estranha, tenta pegar outro pijama no guarda-roupa, mas as portas estão curiosamente pesadas demais para abrir. Sem alternativas, ele veste o pijama e se aquece. O vento dá uma trégua. AnaLua comemora, discreta. Fazer o garoto vestir o pijama era a primeira parte de seu plano/

Enquanto Miguel escova os dentes para dormir, AnaLua cai no sono. Ao se deitar, o garoto relembra as broncas dos pais sobre seu comportamento infantil. Chateado, ele clama aos céus “eu queria que todo mundo agisse como criança, a vida seria bem mais legal”. O vento sopra mais uma vez, agora mais leve. Miguel adormece. AnaLua ronca e, sem perceber, clica num botão de “pedido concedido” em seu crachá. A noite vira dia.

Duas batidas na janela de Miguel, Vô Toninho, do lado de fora, avisa: “Já acendeu!”. Miguel olha o relógio, está atrasado para a escola. Ele levanta, sonolento, e toma um banho. Ao sair do chuveiro, o pijama está de volta ao seu corpo sem que ele tenha posto. Estranho! Miguel tira o pijama, veste o uniforme da escola e ajeita o cabelo. Ao se olhar no espelho, está de pijama de novo. Como é possível?

O garoto sai do quarto, procurando pelos pais. Encontra Carlos e Dominique fazendo guerra de comida na cozinha, enquanto Theo se diverte no meio deles. “Estão debochando de mim porque eu não quis jantar ontem, né? Quanta imaturidade.” Miguel tenta fazer sua própria vitamina, mas o liquidificador explode e ele se suja inteiro. O

pijama o belisca e as manchas somem sozinhas. “Tô sonhando”, ele diz para Theo, que lhe oferece seu achocolatado.

Assustado, Miguel sai de casa à procura de Gigi e se depara com uma rua completamente estranha, sem carros e sem sinais de trânsito. Enquanto policiais brincam de polícia e ladrão com cidadãos comuns, um grupo de senhoras toca a campainha das casas e corre. O pipoqueiro está dando pipocas grátis. Há adultos e crianças brincando, animados.

Na escola, os professores estão brincando de pega-pega, a diretora está desenhando uma amarelinha no pátio e o tio da cantina está liberando os doces e salgados. Miguel questiona se aquilo é uma pegadinha e, neurótico, procura câmeras escondidas. Gigi o ajuda a procurar, mas não encontram nada. Uma ciranda de crianças puxa os dois. A garota sorri, feliz, e aconselha o amigo a fazer o mesmo. Rodando no meio das crianças, Miguel se liberta das paranoias e entra na brincadeira, abrindo um largo sorriso.

Na casa de Miguel, especificamente dentro do guarda-roupa de seu quarto, o crachá de AnaLua pisca e apita até a jovem acordar. Através do crachá, a chefe Quitéria pergunta se está tudo bem por ali. AnaLua abre a porta do guarda-roupa e vê os pais de Miguel pulando nas camas dos filhos. “Tudo na mais perfeita ordem”, a jovem responde, apreensiva. Quitéria comenta que a máquina que detecta crianças está detectando muitas no mundo real e enviando pijamas demais para o departamento: “algum dos novos Adultos Responsáveis deve ter feito cagada. Que bom que não foi você.”

Aflita, AnaLua sai pela rua à procura de Miguel e se assusta com a bagunça que vê. Todos agem feito crianças e ela é a única adulta no mundo. Pesadelo!

Perto dali, Miguel está vivendo seu dia mais divertido, dentro de um carrinho de mercado cheio de guloseimas, sendo empurrado por seus colegas no meio da rua, enquanto seu avô tenta trepar em uma árvore. O garoto comanda invasões pacíficas a parques de diversões e lojas de brinquedos, de eletrônicos e de instrumentos musicais. Todos se divertem. Theo e os pais aparecem, Miguel pensa que vai levar bronca, mas, pelo contrário, os pais propõem que eles formem uma banda. O avô, fantasiado de baterista, se junta a eles. Animado, Miguel se transforma em um rockstar, livre e desimpedido, tudo o que quiser ele pode fazer – exceto, tirar o pijama.

AnaLua, com a foto da família em mãos, usa o binóculo para focar no rosto de cada criança que avista na rua. Num súbito, escuta Gigi gritando por Miguel. A garotinha corre pela calçada com balões em mãos, Miguel e a família também. AnaLua os segue.

Quando Miguel para no portão de casa e amarra os cadarços, AnaLua aparece em sua frente: “Te achei, moleque!”. Ela estoura seu balão. Miguel se faz de desentendido e, desconfiado, diz que seu nome não é Miguel. Ela mostra a foto da família, se apresenta como Adulto Responsável e explica que foi enviada para atender a um pedido seu, mas que pegou no sono e ele deve ter feito alguma besteira. Miguel se lembra de clamar aos céus para que todos agissem como crianças, o que explica muito coisa. Ele se faz de sonso e tenta entrar em casa, porém é impedido pelo pijama, que o segura. Rendido, Miguel confessa qual foi seu pedido e se mostra plenamente satisfeito.

AnaLua dá bronca em Miguel e entrega seu binóculo mágico para ele. Através das lentes, Miguel enxerga crianças do mundo inteiro desesperadas porque os pais estão estranhos, bombeiros com medo de apagar incêndios, médicos com nojo de sangue, recém-nascidos chorando sozinhos e presidentes tacando bolinhas uns nos outros na reunião da ONU. Miguel parece um pouco preocupado, mas, sem dar o braço a torcer, ignora AnaLua e entra em casa.

Enquanto Miguel joga videogame com Gigi, AnaLua o atormenta, já que só ele é capaz de vê-la. Com o manual do adulto em mãos, ela tenta ser persuasiva: “Se você não reverter essa bagunça, eu vou ser enviada de volta para o Departamento dos Adolescentes, o lugar mais medonho que já estive. Me ajuda, parceiro!”. Miguel dá de ombros. Ele não quer reverter nada.

Toda vez que Miguel está fazendo algo divertido e dando festas, AnaLua está por perto, listando razões pelas quais ele deve se preocupar com os rumos de seu bizarro pedido. Até que uma das razões do manual chama a atenção do garoto: “Se um feitiço der errado, ele tem até a próxima data comemorativa para ser desfeito, caso contrário, nunca será.”. A tal data é 15 de outubro, dia dos professores. Faltam menos de 48 horas.

Quando a mãe cutuca Miguel pedindo para assistir o mesmo desenho pela décima vez e o pai o sacode desejando insistentemente um ovo com gema mole, o garoto dirige sua atenção a Theo, que se queixa de dor de barriga e segue sendo ignorado pelos pais. Ele se sensibiliza com o choro do irmão e concorda que, infelizmente, mas muito

infelizmente mesmo, os adultos não podem agir como crianças para sempre. Nesse momento, um dos botões do pijama se abre sozinho.

Miguel pergunta a AnaLua o que ele precisa fazer para reverter o pedido. Ela diz que revirou o manual inteiro e não achou nada. Gigi vê Miguel falando “sozinho” e oferece ajuda. Juntos, eles tramam um plano para ensinar os adultos a serem adultos de novo. Vô Toninho, com uma surpreendente boa memória, chama as crianças por seus nomes verdadeiros e pede para brincar também: “mas não me obriguem a ser adulto”. Gigi e Miguel concordam em liberá-lo por hora.

Com os pais sentadinhos em uma mesa, Miguel dá as ordens da casa. Comer verduras, arrumar os brinquedos, recolher o lixo e dizer “por favor” e “obrigado”. Em meio a “por quês?” e “apenas me obedeça”, Carlos e Dominique vão aprendendo a se comportar. Gigi ainda ensina Dominique a andar de salto, enquanto Vô Toninho ensina Carlos a dar nó em gravata, só por garantia. AnaLua supervisiona tudo e enrola Quitéria pelo crachá.

Com os pais cansados, Miguel os coloca para dormir e acredita que, no dia seguinte, eles finalmente acordarão adultos. Enquanto AnaLua o incentiva, dizendo que ele fez um bom trabalho, Theo o cutuca, triste, com dor de barriga. Miguel faz uma massagem no irmão e quando o pequeno se sente melhor, mais um botão do pijama se abre.

Sem forças para mais nada, todos dormem.

Na manhã seguinte, Miguel acorda com o rosto pintado de tinta. A mãe e o pai estão sujos de guache, falando errado e pedindo chupeta. Pior, Gigi e Theo querem colo. Miguel se desespera! Pela janela, vê adultos engatinhando e adolescentes comendo terra. Todos estão mais infantis do que antes. Seu plano não funcionou.

AnaLua toma seu café puro freneticamente e promete a Miguel que eles vão resolver isso. Cheia de confiança, ela tira do bolso um relógio mágico que pegou de uma fada do Laboratório das Fadas Cientistas e explica que guardou para o caso de uma emergência, “mas é feio roubar”. Miguel limpa o rosto e questiona se ela sabe mesmo usar aquilo. AnaLua justifica que sua geração lida instintivamente com tecnologia e o objeto os fará retroceder no tempo e ganhar mais horas. Assim que ela aciona a magia do relógio, o dia vira noite. Os adultos se jogam no chão e choram como bebês. O relógio do quarto de Miguel marca 21h. “Excelente, AnaLua! Você acelerou as horas e agora a gente tem menos tempo ainda”. Ela quer tentar de novo, mas Miguel não permite.

O crachá de AnaLua pisca e apita gritos de Quitéria: “AnaLua! Qual foi o pedido do Miguel? O que aconteceu com os adultos? E com as horas? Eu sei que foram vocês!”.

AnaLua silencia o crachá e diz que eles precisam agir rápido. Conversando sobre o pijama e as ações que levaram os botões a se abrirem, eles concluem que para o feitiço ser revertido, o pijama tem que entender que Miguel se arrependeu do que pediu. AnaLua sugere que eles cuidem do caos que o pedido causou, assumindo a responsabilidade por todo mundo que foi afetado – pelo menos, os que estiverem ao seu alcance geográfico.

Enquanto Vô Toninho, mais lúcido do que nunca, cuida de Dominique, Carlos, Gigi e Theo; AnaLua e Miguel saem de casa. Juntos, eles pegam todos os leites disponíveis nos supermercados e todos os cobertores que conseguem encontrar nas lojas. Um a um, vão alimentando e aquecendo os adultos-bebês que encontram pela rua e os levando para suas casas. Os dois se divertem ao mesmo tempo que ajudam a vizinhança, os botões do pijama vão se abrindo e AnaLua e Miguel comemoram a parceria.

Faltando quinze minutos e três botões para a meia-noite, Miguel e AnaLua são surpreendidos por cápsulas surgindo na rua, vindas do Departamento dos Adultos. Quitéria aparece, furiosa e cercada de Adultos Responsáveis. AnaLua se esconde atrás de Miguel. Os A.R., com seus aparatos domésticos mágicos, começam a limpar a bagunça da rua em uma velocidade acelerada.

“AnaLua, você é a adulta mais irresponsável que eu já conheci”, a chefe reclama, exigindo saber qual foi, afinal, o pedido de Miguel. O garoto defende a amiga e conta que pediu para que o mundo inteiro agisse como criança. Quitéria diz que AnaLua jamais deveria ter aceitado esse pedido. Quando a garota está prestes a contar que dormiu em serviço e clicou o botão de “pedido concedido” sem querer, Miguel assume a culpa e diz que ele a distraiu e fez tudo sozinho. Mais um botão do pijama se abre.

Quitéria questiona se Miguel está satisfeito com o que fez e o garoto não só se mostra arrependido, como também confessa que está com saudades das broncas dos pais e que aprendeu que não dá para agir como criança para sempre. Mas é tarde demais. O relógio da igreja bate meia-noite. O prazo para reverter o pedido acabou.

Uma professora de Miguel aparece engatinhando pela rua. “Ah, ótimo, o dia dos professores vai ser incrível”, Quitéria debocha, irritada.

Enquanto os Adultos Responsáveis se juntam e discutem o que fazer, AnaLua abraça Miguel e o agradece por tê-la defendido e acreditado em seus planos malucos. Ao se despedir, ela diz que eles fizeram o melhor que conseguiram para que todos ficassem bem e que, apesar de tudo, se divertiu muito com as aventuras que viveu ao seu lado.

Quitéria parece perdida e preocupada em perder seu cargo de chefe, mas tenta manter a pose. AnaLua vai até ela, pede desculpas por não cumprir as expectativas, assume que pegou um relógio mágico de uma Fada Cientista e sugere pedir ajuda às Fadas para tentar fazer o mundo voltar ao normal. Decepcionada com as atitudes de AnaLua, Quitéria a demite e a coloca numa cápsula de cor diferente.

Chateada, AnaLua entra na cápsula e some, deixando para trás a sua mochila e o seu crachá. Miguel chora. Quitéria e os Adultos Responsáveis voltam ao Departamento para uma reunião emergencial com as Fadas Cientistas.

Sozinho, Miguel anda pela rua, segurando a mochila de AnaLua e chorando. Vô Toninho o encontra: “Viu como a lua está bonita hoje? Pena que só estamos você e eu acordados”. Miguel abraça o avô e desabafa suas angústias, diz que foi egoísta, imaturo e que estragou a vida de todas as pessoas que ele ama só por desejar ser criança para sempre. Vô Toninho tira uma bolinha de gude do bolso e conta que ama brincar com aquilo. Ele entrega para Miguel e explica que algumas coisas da infância ficam eternamente com a gente, mas que a vida é feita de fases, assim como o dia.

Miguel para de chorar e arregala os olhos: “Espera! O dia ainda não acendeu! Não é o relógio que determina se uma fase acabou, mas sim a luz e a escuridão!”. Mais um botão do pijama se abre e Miguel percebe que ainda tem tempo de consertar tudo. Apressado, ele agradece o avô e o pega pela mão para levá-lo para casa, mas Vô Toninho se solta e diz que sabe o caminho. Miguel confia e o observa caminhar sozinho.

No Departamento dos Adultos, Quitéria treme de nervoso e leva bronca da chefe das Fadas Cientistas. Miguel está no meio da rua gritando "vocês perderam! Crianças 1, Adultos 0". A Fada ordena que Quitéria mande uma cápsula para buscar Miguel imediatamente. Vão arrancar o pijama dele, nem que seja à força.

Munido do crachá e da mochila de AnaLua, Miguel chega ao Departamento dos Adultos, mais confiante do que assustado, observando seu estranho entorno que cheira a café. Além de cápsulas gigantes e pijamas em vitrines, também há boletos pendurados

no teto, adultos com terninhos coloridos, uma máquina de óculos de grau, um cartório e a disputada área do crossfit anti-sedentarismo.

Quitéria recebe Miguel em sua mesa. De pé, ele promete ser rápido. Primeiro, agradece pelo Departamento ter enviado um pijama mágico e uma amiga como a AnaLua. Depois explica que AnaLua não deveria ser punida, já que ela foi sim a adulta mais responsável que ele poderia ter por perto. “Ser um adulto responsável não significa que você tem a resposta para todos os problemas, mas pelo menos você tenta ajudar as pessoas que você ama a serem mais felizes.” Miguel rasga o manual dos adultos e conclui que aquelas regras e dicas não servem para nada. Quando o último botão do pijama está prestes a abrir e todos os olhos se voltam para o garoto, o próprio Miguel fecha todos os botões e pede que AnaLua seja trazida de volta ao Departamento dos Adultos. Essa é a condição para que ele libere o pijama.

AnaLua, girando em uma cadeira de escritório, está cercada por adolescentes em um lugar que mais parece uma precária sala de aula. O lugar tem uma luz baixa e uma música pop que ninguém sabe de onde vem. Ela conta suas aventuras com Miguel, fala sobre como é o Departamento dos Adultos, diz que já nem considera o Departamento dos Adolescentes tão ruim assim: “aqui pelo menos dá pra cochilar de tarde” e conclui que já não sente que pertence àquele lugar, não importa o que outros a digam. Seus colegas ficam indignados ao descobrirem que não basta fazer 18 anos para garantirem vaga no Departamento dos Adultos. Num súbito, uma cápsula aparece e puxa AnaLua.

Miguel pula de alegria quando AnaLua surge bem à sua frente. Os dois se abraçam e comemoram. O garoto coloca o crachá de A.R. de volta no pescoço de AnaLua e promete cuidar das pessoas como ela cuidou dele.

Num piscar de olhos, o pijama se solta do corpo de Miguel, que rapidamente é coberto pela enorme jaqueta de AnaLua. Flutuando no ar, o pijama abraça Miguel e depois cai no chão, inanimado.

Todos os Adultos Responsáveis pegam seus binóculos mágicos e dão uma rápida olhada no mundo real. Através das lentes, eles enxergam que os adultos voltaram a ser adultos, as ruas voltaram a ter carros, os hospitais e corpos de bombeiro estão funcionando; só os presidentes que ainda estão tacando bolinhas uns nos outros na ONU, mas todos concordam que isso dificilmente mudará.

Quitéria grita de felicidade, histérica, feito uma criança. A chefe das Fadas Cientistas diz que Miguel tem talento para uma ciência diferenciada. Uma breve festinha no Departamento dos Adultos contempla Miguel antes de a cápsula fazê-lo desaparecer.

De volta à normalidade, a família de Miguel parece viver um dia comum. A mamãe Dominique está organizando a mesa da cozinha quando o pequeno Theo deixa a fruteira cair. Miguel, usando sua estupenda bermuda jeans, já chega recolhendo as frutas e fazendo cócegas no irmão trapalhão. O papai Carlos pede que Miguel o ajude a consertar o varão da cortina, pois “parece até que alguém se pendurou nesse treco” e reclama de dor nas costas.

No portão, Gigi grita “ô de casa” e bate palmas. Ela está trazendo Vô Toninho, pois o senhorzinho confundiu os endereços e foi parar na casa da menina, a quem ele insiste chamar de Tina. Miguel corre para abraçar o avô e o leva para dentro de casa, junto da amiga. Gigi carrega um carrinho de controle remoto que herdou de um primo.

Miguel parece animado com o carrinho de Gigi, mas quando Theo se deslumbra com o brinquedo, ele dá o controle para o irmão e elogia o cheiro de macarrão vindo da cozinha. A mãe diz que hoje ele pode comer macarronada e Miguel comemora, pois bife de fígado definitivamente não dá.

O sol do meio-dia está forte, mas Vô Toninho está firme na janela, sentado, observando o céu. Miguel se aproxima e, com a bolinha de gude em mãos, se senta ao lado do avô. “Aquela nuvem parece um coelho”, Miguel aponta para o céu. O avô ri e acrescenta que outra nuvem se parece com um rinoceronte. Gigi e Theo se juntam a eles e dizem outras coisas com que as nuvens se parecem. Por fim, Dominique e Carlos preenchem a moldura da janela com seus rostos e também brincam de ver figuras no céu. A família ri e se diverte junta.

Um retrato na mesa mostra o papai Carlos, a mamãe Dominique, o avô Toninho, o pequeno e sorridente Theo e um garoto alegre, de pé, abraçando a família: Miguel. A foto toma distância, como se alguém em um binóculo os estivesse observando.